



<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/raead>

ISSN:2357-7843

A Inclusão Digital como pressuposto para a Educação Presencial e à Distância

Uma análise comparativa com base nos alunos do Curso de Administração de uma Universidade particular em São Luís/MA

Autor: Ivone Ascar Sauáia Guimarães¹

Autor: Luiz Síveres²

Autor: Will Ribamar Mendes Almeida³

Resumo: A Educação, em sua história, apresenta forte ligação com as ferramentas tecnológicas existentes na sociedade. Na atualidade, essa conexão está focada no uso da computação aplicada a ambientes virtuais e, consequentemente, à Internet. Isto exige que os alunos estejam incluídos digitalmente, uma vez que as novas tecnologias digitais se colocam como ferramentas de aprendizagem e construção de conhecimento tanto individual quanto coletivo. Este artigo tem como objetivo realizar uma análise do perfil digital de alunos da modalidade presencial e à distância com a finalidade de constatar se estes se encontram incluídos digitalmente. Para tal, realizou-se a aplicação de 140 questionários, com perguntas abertas e fechadas, junto a alunos das modalidades presencial e a distância do Curso de Administração de uma Universidade na cidade de São Luís, capital do Estado do Maranhão. Destes, somente 68 alunos do presencial e 47 da educação a distância aceitaram participar do processo, devolvendo os instrumentos de coleta devidamente respondidos. Foi possível verificar que, em sua maioria, os educandos se encontram incluídos digitalmente, visto que possuem computadores próprios, acesso à Internet e domínio no uso das ferramentas tecnológicas. Verificar essas informações, apesar de todas as vicissitudes financeiras e sociais presentes na região Nordeste do país, demonstra o grau de inserção digital dos mesmos, favorecendo a idealização de futuros objetos de aprendizagem digitais a serem utilizados com os alunos em questão, uma vez que a acessibilidade digital não é empecilho para a aprendizagem deles.

Palavras-chave: Educação a Distância. Educação Presencial. Inclusão Digital.

¹Mestre em Educação (Conceito CAPES04), Especializado em Gestão de Tecnologia e de Negócios em Telecom, Graduação em Tecnologia em Processamento de dados. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7052175724797191>

²Doutor em Desenvolvimento Sustentável, Mestre em Educação (Conceito CAPES 4), Especializado em Psicologia Junguiana, Especializado em Apre. Coop. Tecn. Educ. Na Univ. Estilo Salesiano. Graduado em Filosofia. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8796354667782724>

³Doutor em Engenharia Elétrica, Mestre em Engenharia de Eletricidade, Especializado em Docência do Ensino Superior, Graduação em Engenharia Industrial Elétrica. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2668882206079613>



1. Introdução

Um dos aspectos da atualidade que se destaca é a necessidade de aprendizagem ao longo do tempo e de acesso e uso das novas tecnologias. Talvez sejam os elementos que mais se destaquem, pela velocidade com que se transformam. A cada momento exige-se do indivíduo mais conhecimento e adequação às várias situações práticas, fazendo com que, na Educação, de modo geral, as tecnologias alterem o modo de trabalhar e viver, sendo adicionadas ao modo de ensinar e aprender.

Tantas são as exigências cotidianas que as pesquisas em EaD não acompanharam o processo de informatização do mundo e da Educação, e assim não se pode assegurar até que ponto o conhecimento continuado e de ferramentas digitais garantiriam uma melhoria ou uma facilitação no alcance dos objetivos que norteiam o modo de agir e pensar do homem, incluindo o ato educativo em si.

No meio educacional, compreender como a tecnologia poderá posicionar-se, favorecendo o aprendizado, tem-se tornado uma necessidade, visto que a tecnologia figura hoje como um instrumento cultural, forjado por uma sociedade que vive conectada por meio de meios eletrônicos e de difusão do conhecimento. Provavelmente, isto se deve a diversos fatores, sendo eles o acesso à tecnologia, à criticidade, que deverá acompanhar alunos e professores em meio eletrônico, e, ainda, à adequação do material educativo ao momento da aprendizagem mediada por computador, situações em que se observa o quão dissociada está a tecnologia digital do ato de ensinar e aprender.

Contudo, na denominada sociedade do conhecimento, a educação e a tecnologia deveriam caminhar juntas. Nesse sentido, cabe aqui conhecer e analisar se ainda é latente a falta de inserção tecnológica dos educandos das modalidades presencial e à distância para que se possa traçar um parâmetro de inclusão tanto digital quanto tecnológica a fim de verificar quão inseridos estão os alunos de São Luís nos meios midiáticos digitais.

Assim, neste artigo, primeiro, se fará a relação entre a exclusão social e a tecnológica, depois será traçada a relação entre a educação e a tecnologia e antes da conclusão serão tratados os dados da pesquisa e a análise dos resultados, favorecendo para que se desenhe claramente o perfil de inclusão digital e social dos alunos presentes no Ensino Superior em plena era do conhecimento e da informação.

2. A exclusão social e sua relação com a exclusão tecnológica

A exclusão social não é uma condição cunhada à luz da sociedade atual. Desde muito tempo ela exerce o papel de limitar a transição do indivíduo entre as camadas sociais, controlando e até mesmo impedindo essa mobilidade, de modo a repetir os padrões impostos por um grupo coletivo, o que ainda poderia acontecer a partir da acomodação do pensamento do grupo, o que se estabeleceu por meio da privação das necessidades básicas que deveriam atender o ser humano.

Destarte, a exclusão social se constitui de outras exclusões que vão da dimensão política à econômica (STIVILL, 2003), espoliando o indivíduo da cidadania, dos direitos elementares do homem e da renda.

De todo modo, a exclusão social é uma mazela que aprisiona o ser em um ciclo que lhe retira os direitos básicos e o relega à margem da sociedade, desvalorizando-o enquanto cidadão. Entretanto, não é somente a velha exclusão que assola a sociedade. A nova exclusão (a que se debruça sobre o acesso às tecnologias e à informação, e tem como fator ainda a exclusão social) se coloca, de acordo com Valente (2008), como elemento de privação e exclusão de alguns poucos em relação a um meio de comunicação cada vez mais popular e aceito pelo coletivo.

Essa ausência de direitos começa na questão social e econômica e se expande para o contexto educacional e tecnológico, deixando de ensinar ao homem a possibilidade de expandir seus conhecimentos. Alguns desses conhecimentos, como apresenta Mazzone (2007), fazem parte das inteligências que o indivíduo já leva consigo e necessitam somente de afloramento.

Do mesmo modo, esses mesmos indivíduos chegam a passar uma vida inteira sem experimentar e conhecer as ferramentas midiáticas presentes na sociedade, como nos afirma Souza e Coelho (2009), sob esse fundamento, lutar contra a situação de exclusão digital deverá passar não somente pelo acesso à tecnologia, mas também pelo letramento digital que prepara o usuário de sistemas informatizados para um uso consciente e crítico de suas ferramentas.

Segundo Silveira (2001), o indivíduo incluído tecnologicamente passará a gozar de uma série de benefícios que vão desde estímulos sensoriais até o acesso à larga informação, o que lhe garantirá igualdade de direitos devido ao fato de passar a ter acesso a benefícios que somente um grupo minoritário tem.

Sidericoudes (2008) reafirma sobre a importância da inclusão digital no processo de inclusão social centrado nos benefícios ao cidadão sob a forma de igualdade, conhecimento e empregabilidade; porém ela não poderá ser focalizada como o único meio em virtude de se colocarem todas as expectativas de uma ação em detrimento de outras que incluem o que é básico para a cidadania.

Porém, o acesso à tecnologia não resolverá completamente o problema da exclusão social e ainda será capaz de gerar uma nova problemática social, identificada por Cazeloto (2008) como “inclusão subalterna”. Nela se observa a inclusão tecnológica sem engajamento com a inclusão social, o que ocorre de modo precário e sem que se desfaça a ideia da marginalidade social; e, uma vez que se distingue o valor de ser incluído tecnologicamente, deve-se reconhecer também a importância e a necessidade da inclusão social. Além disso, na Sociedade do Conhecimento, o indivíduo deve habilitar-se para a constante evolução que o momento histórico e social exige. Isto para Valente (2007) deve ocorrer por meio da integração entre a informação e a experimentação, favorecendo para que se apreenda o conhecimento e se possa levar o apreendido para a vida cotidiana.

Assim, verifica-se que o simples acesso às tecnologias não resolverá diretamente a questão da exclusão social, principalmente devido ao fato de se possuir uma “pseudo inclusão digital” que não acontece partindo da alfabetização tecnológica. Caso esse fosse o ponto de partida, esta permitiria ao cidadão um potencial crítico que o colocaria verdadeiramente como construtor de um conhecimento que usaria os meios digitais apenas como caminho de disseminação.

3. A educação e sua relação com a tecnologia

Há uma infinidade de aplicações da tecnologia na sociedade, e a informática educacional é uma delas, surgindo como uma área do conhecimento científico que permitiu a utilização ativa de equipamentos tecnológicos aliando a telemática à Educação no desenvolvimento da capacidade humana. Sob esse fundamento, e levando-se em consideração todos os aparatos que tem o potencial de interconectar sistemas e pessoas em todo o mundo, a educação em si apresenta o potencial de acontecer muito além do ambiente físico.

Nesse sentido, Leite (2009) defende que os modos atuais de ensino-aprendizagem, ao englobarem em si as tecnologias educacionais, favorecem não só o

ato educativo, mas todo o ambiente onde se aprende; junto a isso, é importante salientar que o ato de aprender é inerente ao ser humano, estando livre para acontecer aonde quer que o aprendiz esteja situado.

Ainda sob esse aspecto, Formiga (2009) salienta que a tecnologia na prática educacional poderá atuar como ferramenta que favorecerá a migração da ação de ensinar para a possibilidade da prática ativa que está inserida na aprendizagem, fenômeno este que eleva a Educação ao patamar de uma prática ativa no ato de aprender.

Contudo, cumpre ressaltar que ainda impera a visão de que o ensino assistido por computador seja na verdade um ensino por computador, o que retiraria a necessidade da interação humana do professor com seus alunos. Portanto, a mediação humana continua sendo essencial para uma prática educativa construtiva e consciente, independentemente de acontecer no meio virtual ou presencial. Assim, na visão atual da Educação, as Tecnologias de Informação e Comunicação exercem papel importantíssimo, por garantir dinamicidade, transformação e modernidade para em sociedade em movimento. Essa dinâmica favorecerá o estar junto virtual, em que professores e alunos, embora distantes fisicamente, se encontrem virtualmente, e acabem por compreender que o modo autônomo do aluno no ato de aprender favorece o seu crescimento enquanto cidadão.

Desta forma, a ciência e a tecnologia caminham juntas com o intuito de auxiliar a busca pela construção do conhecimento, o que justifica sua aplicação no processo educacional, já que dará respaldo à formação de um cidadão consciente não só do seu papel social, mas também apto a lidar com as ferramentas que surgem e que poderão chegar a garantir a competitividade, aliando a tecnologia ao contexto educacional de acordo com o momento pelo qual as pessoas se encontram tanto no sentido histórico, quanto social.

Portanto, a tecnologia aplicada à educação ensejará impreterivelmente uma revisão das práticas no ambiente educacional (COX, 2008; ROSINI, 2007; MILL, 2009), já que, ao ser utilizada a metodologia no modelo de um-para-muitos, esta funcionaria como meio difusor de informação e conhecimento, exigindo do educando uma crítica efetiva que lhe permitirá compreender e exercer sua ação individual sobre aquilo que lhe é transmitido.

Nesse aspecto, Al-lés (2012) apresenta a ideia de que não basta somente a técnica e as ferramentas, visto que o educando necessita estar apto a permitir aflorar as competências básicas que traz consigo e que favorecem para que se torne um ser ativo no ato de aprender. Cumpre ressaltar que esse educando, lidando com tecnologias e informações em grande quantidade, faz parte de um contexto social completamente diferente de outros momentos históricos e isso dá a ele o poder de se fazer construtor daquilo que toma para si não somente no meio virtual, mas também na fala e ação de seus mestres.

Portanto, a educação que faz uso de meios tecnológicos deverá primar pela formação do aluno receptor-ativo, em lugar de uma educação que acontece pela repetição inconsciente e fora do real sentido daquilo que se julga ter ensinado. Seguindo esse pensamento, Niskier (1993) e Rostas e Rostas (2009) afirmam que, ao se assegurar que os ambientes interativos tenham o potencial de permitir o vislumbre de um caminho pleno de descobertas, que abre as portas para a construção do conhecimento tanto pelo estudante em sua dimensão individual, quanto coletiva, será possível que se torne bem mais independente e consiga assim compreender que a aprendizagem é parte dele e não da instituição de ensino.

4. Metodologia

A pesquisa foi proposta no mês de junho de 2011 aos alunos do curso de Administração de uma Instituição de Ensino Superior, atuante no ensino presencial e à distância, da cidade São Luís/MA. Assim, foram apresentados aos alunos 140 questionários dotados do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, contendo perguntas abertas e fechadas, e destes, 68 alunos da modalidade presencial e 47 alunos da modalidade à distância aceitaram participar da pesquisa, devolvendo os instrumentos de coleta devidamente preenchidos.

5. Resultados

De acordo com a investigação, a primeira indagação realizada foi referente ao fato de o aluno possuir ou não computador em casa. O resultado apontou que, em ambas as modalidades, 94% deles possuem computador em suas residências. Quanto a isso, percebeu-se que o poder aquisitivo dos pesquisados não é tão baixo, independentemente do tipo de dispositivo que possuem.

A indagação seguinte completou a anterior, favorecendo que se continuasse a desenhar o perfil digital dos estudantes, principalmente quando se trata da quantidade de computadores existentes na residência deles. As quantidades informadas pelos alunos são bem balanceadas, sendo que para o quantitativo de um computador a incidência é de 47% para o presencial e 45% para a EaD. Para o quantitativo de dois computadores verifica-se 26% no presencial e 30% na EaD. Já para o quantitativo de três computadores registra-se 14% no presencial e 11% na EaD; e, por fim, tratando-se de mais de três máquinas, esse valor cai para 8% no presencial e 9% na EaD. Dentre eles valem ainda apontar que 5% no presencial e 6% na EaD não possuem computador próprio.

Quando o assunto abordado foi a conexão à Internet, chegou-se às seguintes constatações: 94% dos alunos de EaD possuem conexão com a Internet, e isto se estabelece diretamente sobre os 100% daqueles que se identificam como possuidores de computador na própria residência, mostrando que se encontram incluídos. Entretanto, esses valores não são seguidos pela modalidade presencial, em que somente 89% dos alunos que possuem computador em casa também contam com conexão à Internet.

Tais declarações ainda são confirmadas pelo nível de conhecimento de informática. Os alunos se identificam, em sua maioria, como possuidores de conhecimentos intermediários em informática (57% da EaD e 55% da presencial), enquanto que 26% da EaD e 30% do presencial consideram-se ter conhecimento básico de informática e 17% da EaD e 15% do presencial consideram-se avançados nesse conhecimento.

Quanto ao tipo de conexão mais utilizada pelos alunos, chegou-se às seguintes constatações: o número de alunos da EaD e da educação presencial é bem expressivo no uso de Modems GSM (45% e 44%, respectivamente), sendo esta utilização acompanhada pela conexão por telefone ou velox (26% e 29%, respectivamente) e, na ordem, pela conexão a cabo da TVN (19% e 18%, respectivamente). Quanto à conexão por rádio, somente alunos de EaD (10%) se identificaram como usuários. Somente os alunos na modalidade presencial se identificaram como não possuidores de conexão com a Internet (9%).

6. ANÁLISE DOS RESULTADOS Com base nos dados levantados e expostos no tópico anterior, verificou-se que os alunos participantes da pesquisa se encontram inseridos tanto no mundo digital quanto na *infovia*, que é a Internet, pois, além de ter computador pessoal em suas residências, boa parte dos estudantes também possui conta com acesso ao meio eletrônico e conhecimento que lhes garante o uso das ferramentas digitais com desenvoltura e naturalidade.

Pelo exposto, e de acordo com Raiça (2008), Moran (2008) e Valente (2008), os alunos no geral são incluídos digitalmente e ainda podem considerar-se como letrados digitais. Mil (2009) e Souza e Coelho (2009) reforçam essa ideia afirmando que esses mesmos alunos não fazem parte de um grupo que possa ser considerado como excluído uma vez que estão aptos a lidar com as tecnologias, que favorecem não somente a atuação profissional, mas também a formação educacional.

Além disso, afirmar que os discentes em questão são alfabetizados tecnologicamente já os coloca em um patamar fora do processo de exclusão social no tocante à tecnologia. E é justamente sobre esse conhecimento de informática que Sorj (2003), Dowbor (2001), Niskier (1993), Valente (2009) e Rostas e Rostas (2009) realizam parte de seus discursos ao focarem diretamente na necessidade de um conhecimento tecnológico não somente para garantir interação na sociedade atual, mas também para favorecer ao alunado o alcance da meta de efetivar o conhecimento transmitido em meio eletrônico.

Outro aspecto que não poderá deixar de ser citado é o quantitativo considerável de alunos fazendo uso de conexões GSM, que tornam a Internet individual. Este é um indicador bastante defendido na obra de Sorj (2003), ao apontar a individualização da tecnologia a partir do uso da telefonia celular. De encontro a isto, Valente (2008), Souza e Coelho (2009) e Silveira (2001) permitem que se afirme que esses educandos não passam pela falta de acesso tanto a tecnologias quanto ao conhecimento de uso e muito menos quanto ao acesso à infraestrutura de tráfego de dados.

Para os alunos da EaD, esse grau elevado de inserção tecnológica se deve a fatores como os relacionados às questões econômicas, visto que os estudantes trabalham, são responsáveis pelo próprio sustento e, assim, possuem condições de investir na aquisição de tais equipamentos ou, ainda, devido à modalidade educacional em si, quanto ao fazer uso de mídias digitais, requer-se que este aluno se posicione de

modo mais participativo nas redes de aprendizagem que fazem uso do meio eletrônico. Porém, isso não se repete na modalidade presencial, visto que ainda há uma maioria de alunos que não está inserida no mercado de trabalho, mas que possui acesso à tecnologia por meio dos investimentos que a própria família realiza.

O modo de pensar que se reflete na sociedade atual é o de um meio que prima pela velocidade da informação e pelo imediatismo, como afirmam Torres e Fialho (2009). De tal modo que, a partir do momento em que as tecnologias já fazem parte do cotidiano desses educandos, aplicá-las à educação trata-se somente de um processo de imersão no momento histórico do grupo social no qual ela acontece, exercendo a tentativa de romper barreiras sociais, difíceis de ser transpostas, como indica Castro (2008).

Todos os aspectos já percorridos levam à compreensão de que a sociedade da informação exige que o indivíduo esteja apto a lidar com as tecnologias e que a educação também passa a exercer a mesma pressão. Em decorrência disso, o aluno atende à necessidade de dominar essas tecnologias, compreendendo que são ferramentas essenciais que favorecem claramente o crescimento dele como aprendiz.

O estudante de EaD encontra-se fortemente incluído digitalmente, uma vez que esta modalidade exige dele o uso de ambientes virtuais de aprendizagem. Neste caso, ele possui computadores nem que seja para uso próprio e individual, acesso à Internet, banda larga e/ou móvel, e conhecimento consistente de informática. Esses são aspectos que não o coloca em inferioridade em relação aos estudantes da modalidade presencial e expressa claramente o quanto será capaz de empreender em busca de um objetivo.

Sob esse fundamento, a partir do momento em que o aluno se encontra incluído digitalmente, este também se posicionará como entendedor das tecnologias digitais e de sua aplicabilidade. Provavelmente, isto se deva ao fato de que a EaD atualmente faz uso dos meios midiáticos digitais para alcançar o seu alunado.

Outro aspecto relevante é que a modalidade em questão cumpre seu papel de incluir socialmente a partir do momento em que impulsiona o aluno à inserção digital. Já os discentes presenciais encontram-se incluídos digitalmente não por força da modalidade, mas por necessidades que a sociedade em si impõe. O aluno também

possui computadores, acesso à Internet, banda larga e/ou móvel e conhecimento consistente de informática. E esses aspectos também não os colocam em inferioridade em relação ao aluno da modalidade à distância. Uma vez incluído digitalmente, o aluno se coloca como entendedor das tecnologias digitais e de sua aplicabilidade.

Contudo, em ambas as modalidades, uma vida sem interação e sem criticidade não denotará por si só inclusão social. Sob esses fundamentos, conclui-se que a inclusão digital, desde que aconteça de modo a fornecer referencial crítico ao educando, tem o poder de lhe permitir ir em busca de tudo o mais que coloca o indivíduo como inserido socialmente. Porém, se ela se colocar simplesmente como meio de acesso, sem permitir ao usuário a interação e a possibilidade de construir conhecimento por si, ela acabará exercendo apenas o papel de repetir os padrões estáticos de uma sociedade que não permite a mobilidade social, o que, conseqüentemente, poderia paralisar a sociedade no tempo e no espaço, impedindo-lhe o progresso.

7. Conclusão

A presente pesquisa debruça-se sobre a Educação, nas modalidades presencial e à distância, buscando, ao fazer uso de um expressivo referencial teórico e de uma pesquisa aplicada, descrita e analisada, responder à dúvida referente ao nível de inclusão digital dos estudantes das modalidades presencial e à distância.

Verifica-se, portanto, que eles estão incluídos digitalmente por razões diversas por meio do uso e utilização das ferramentas digitais presentes tanto em suas vidas quanto nos meios de aprendizagem. Porém, é importante frisar que essa é a declaração dos educandos e que pode, numa análise futura, ser comparada com a visão que os professores possuem desse grau de inclusão.

Cabe ainda a necessidade de se atualizar os dados em pesquisas futuras e aprofundar os questionamentos em vários sentidos, como no caso de compreender até que ponto essas ferramentas são exploradas pelos estudantes e docentes e se realmente há uma efetivação da aprendizagem a partir delas.

Digital and Social Inclusion as a prerequisite for Distance Education

An analysis based on the students of management course in a private university in São Luís - MA

ABSTRACT: *The Education in its history has a strong link with existing technological tools in society . These days the connection is focused on the use of applied to virtual computing environments and consequently the Internet . This requires that students are digitally included , since the computational means arise as a learning tool and construction of knowledge both individually and in community. This article aims at conducting an analysis of the digital profile of students face modality and distance are digitally included . To this end , we carried out the implementation of 140 questionnaires with open and closed questions , among students of classroom rules and distance Course of directors of a local university . Of these, only 68 students and 47 classroom of distance education agreed to participate in the process , returning the data collection instruments duly answered . We found that , mostly , the students are digitally included , since they have their own computers , Internet access and mastery in the use of technological tools . To verify this information , despite all the financial and social vicissitudes attending the northeast region of the country , demonstrating the degree of digital inclusion thereof to favoring that idealize future digital learning objects to be used with students in question , since digital accessibility is not an impediment to learning those ones .*

Keywords: *Distance Education. Social Inclusion. Digital Inclusion.*

Referências Bibliográficas

AL-LÉS, Guida. As competências básicas: uma ponte entre o conhecimento e a vida. In: BARBA, Carme; CAPELLA, Sebastià. *Computadores em sala de aula: métodos e usos*. Porto Alegre: Penso, 2012.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. As teorias principais da Andragogia e Heutagogia. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos (Org.). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson, 2009. p. 105-111.

BRITO, Gláucia da Silva; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. *Educação e novas tecnologias*. Curitiba: Ibpx, 2006. 120 p.

CASTRO, Cosette. TV Digital e EAD: uma parceria perfeita para a inclusão social. *Conexão – Comunicação e Cultura, Caxias do Sul*, v. 7, n. 13, p. 27-38, jan./jun. 2008.

CAZELOTO, Edilson. *Inclusão digital: uma visão crítica*. São Paulo: Senac São Paulo, 2008. 207 p.

COX, Kenia Kodel. *Informática na educação escolar: polêmicas do nosso tempo*. São Paulo: Autores Associados, 2008. 124 p.

DOWBOR, Ladislau. *Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. 85 p.

FORMIGA, Marcos. A terminologia da EaD. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos (Org.). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson, 2009. p. 39-46.

LEITE, Lígia Silva. Formando profissionais reflexivos na sala de aula do século XXI. In: VALENTE, José Armando; BUSTAMANTE, Sílvia Branco Vidal (Org.). *Educação a distância: prática e formação do profissional reflexivo*. São Paulo: Avercamp, 2009.

MAZZONE, Jaures. Preparando-se para trabalhar e viver no mundo do Capitalismo acelerado: adquirindo as fluências essenciais para competir e sobreviver no ambiente criado pelas tecnologias e pela globalização. In: VALENTE, José Armando; MAZZONE, Jaures; BARANAUSKAS, Maria Cecília (Org.). *Aprendizagem na Era das tecnologias digitais*. São Paulo: Cortez: FAPESP, 2007.

MILL, Daniel. Educação virtual e virtualidade digital: trabalho pedagógico na educação a distância na Idade Mídia. In: SOTO, Ucy; MAYRINK, Mônica Ferreira; GREGOLIN, Isadora Valencise (Org.). *Linguagem, educação e virtualidade: experiências e reflexões*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 29-51.

MORAN, José Manuel. As muitas inclusões necessárias na educação. In: RAIÇA, Darcy (Org.). *Tecnologias para a educação inclusiva*. São Paulo: Avercamp, 2008. p. 19-34.

NISKIER, Arnaldo. *Tecnologia educacional: uma visão política*. Petrópolis: Vozes, 1993. 182 p.

PEREIRA, José Matias. Políticas públicas de educação no Brasil: a utilização da EAD como instrumento de inclusão social. *Journal of Technology Management & Innovation*, Chile, v. 3, n. 2, jul. 2008. Disponível em: <<http://www.jotmi.org>>. Acesso em: 18 out. 2010.

RAIÇA, Darcy. Tecnologia e educação inclusiva. In: RAIÇA, Darcy (Org.). *Tecnologias para a educação inclusiva*. São Paulo: Avercamp, 2008. p. 19-34.

ROSINI, Alessandro Marco. *As novas tecnologias da informação e a educação a distância*. São Paulo: Thomson Learning, 2007. 131 p.

ROSTAS, Márcia Helena S. Guimarães; ROSTAS, Guilherme Ribeiro. O Ambiente Virtual de Aprendizagem (Moodle) como ferramenta auxiliar no processo de ensino-aprendizagem: uma questão de comunicação. In: SOTO, Ucy; MAYRINK, Mônica Ferreira; GREGOLIN, Isadora Valencise (Org.). *Linguagem, educação e virtualidade: experiências e reflexões*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 135-151.

SANCHEZ, Fábio. As estatísticas da EaD no Brasil. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos (Org.). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson, 2009. p. 445-448.

SIDERICOUDES, Odete. A tecnologia como instrumento para a inserção de jovens ao mundo do trabalho e sua integração social. In: RAIÇA, Darcy (Org.). *Tecnologias para a Educação Inclusiva*. São Paulo: Avercamp, 2008. p. 129-138.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. *Exclusão digital: a miséria na era da informação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001. 47 p.

SORJ, Bernardo. *Brasil@povo.com: A luta contra a desigualdade na sociedade da informação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 176 p.

SOUZA, Danielle Maria de; COELHO, Roberta Ferreira. Inclusão social via inclusão social, uma construção possível? *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, v. 9, n. 97, jun. 2009.

Disponível em:

<<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7113>>.

Acessado em: 18 out. 2010.

STIVILL, Jordi. *Panorama da luta contra a exclusão social: conceitos e estratégias*. Genebra: Bureau Internacional do Trabalho, 2003. 140 p.

TORI, Romero. *Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem*. São Paulo: Senac São Paulo, 2010. 254 p.

TORRES, Patrícia Lupion; FIALHO, Francisco Antônio Pereira. Educação a Distância: passado, presente e futuro. In: LITTO, Fredric M.; FORMIGA, Marcos (Org.). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson, 2009. p. 456-461.

VALENTE, José Armando. O "Estar Junto Virtual" como uma abordagem de educação a distância: sua gênese e aplicações na formação de educadores reflexivos. In: VALENTE, José Armando; BUSTAMANTE, Sílvia Branco Vidal (Org.). *Educação a distância: prática e formação do profissional reflexivo*. São Paulo: Avercamp, 2009. p. 37-64

_____. Os diferentes letramentos como expansão da inclusão digital: explorando as potencialidades educacionais das tecnologias da informação e comunicação. In: RAIÇA,

Darcy (Org.). *Tecnologias para a educação inclusiva*. São Paulo: Avercamp, 2008. p. 67-83.

_____. A crescente demanda por trabalhadores mais bem qualificados: a capacitação para a aprendizagem continuada ao longo da vida. In: VALENTE, José Armando; MAZZONE, Jaures; BARANAUSKAS, Maria Cecília (Org.). *Aprendizagem na Era das tecnologias digitais*. São Paulo: Cortez/FAPESP, 2007.